



issn: 2176-5960

Προμηθεύς
journal of philosophy



January – April 2024 N. 44

A CRÍTICA DE NIETZSCHE À VISÃO MOERNA DA HISTÓRIA

NIETZSCHE'S CRITICISM OF THE MODERN VISION OF HISTORY

Ícaro Souza Farias

Doutorando em filosofia (UFRJ)

E-mail: ikrofarias@hotmail.com

RESUMO: O texto tem por objetivo investigar a crítica à modernidade, sob a ótica nietzschiana, a partir da sua obra de juventude, *Da utilidade e do inconveniente da história para vida*. Na obra, Nietzsche investiga como que determinadas visões históricas que prevaleceram na era moderna adoecem e debilitam o homem, buscando alternativas de visões históricas que afirmam a vida ao invés de negá-la.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. História. Vida. Modernidade.

ABSTRACT: The article had how goal to reasearch the critic to modernity, from the Nietzsche's philosophy, in his youth work, whose title is, *The usefulness and inconvenience of history for life*. In this work, Nietzsche searching how some historical views that preveleced in modern period make man sick, looking for alternative historical visions that affirm life rather than deny it.

KEYWORDS: Nietzsche. History. Life. Modernity.

1. Introdução

O presente texto tem por intuito, mormente, refletir sobre a crítica de Nietzsche contra a modernidade, ao homem moderno, ou melhor, contra aquilo que a modernidade, considerando suas características representa para a vida. Para tanto, partimos da Segunda Extemporânea (texto de juventude de Nietzsche), cujo título é *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida*. Inicialmente, a discussão se concentrará em investigar e esmiuçar as três formas de modalidades propostas por Nietzsche, quais sejam, a monumental, a antiquária, e por fim, a crítica.

Após o escrutínio acerca das perspectivas históricas, o objetivo se aterá em compreender a crítica de Nietzsche à modernidade. Por que Nietzsche critica com tanta veemência essa época? Por que, para o filósofo, a era moderna promove o estiolamento, a impotência? Por que, os homens modernos, a despeito de possuírem conhecimento em demasia são tomados pela fraqueza? Ao longo do texto procurarei responder tais questionamentos.

2. A segunda extemporânea

Nietzsche escreveu sua segunda extemporânea, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida*, durante o inverno de 1973-1974. O livro em questão fez parte de um projeto que se consolidou em quatro extemporâneas¹. Para levar a cabo essa breve investigação sobre a segunda extemporânea é necessário aclarar o contexto histórico no qual a obra surgiu. Em outras palavras, é necessário entender as razões que motivaram Nietzsche a escrever o livro em questão. O próprio título já oferece sinais valiosos do intento nietzschiano, ou seja, pensar, refletir sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida. A história, portanto, está sendo considerada enquanto objeto de reflexão tendo a vida como objetivo último. Nietzsche já esboça no título da obra que a história pode tanto ter aspectos vantajosos ou não do ponto de vista da vida.

O contexto intelectual e acadêmico do qual Nietzsche faz parte é, em grande parte, caudatário do hegelianismo e do positivismo e de sua concepção histórica na qual a memória vista como recurso que dá sentido ao passado é hipervalorizado. A filosofia hegeliana bem como a positivista compreende que a história possui um sentido teleológico, isto é, caminha para um fim, considerando que tal fim é o desfecho de um processo evolutivo da razão humana. Nietzsche, contudo, não corrobora essa visão, pois para ele a história não caminha para uma finalidade.

Ao mesmo tempo Nietzsche está ciente de que não é possível prescindir da história, afinal somos seres históricos, forjados enquanto seres humanos no interior dos processos históricos. Assim sendo, é preciso refletir sobre o papel da história e sua serventia ou não para a vida, a vida como experiência existencial. Já no Prefácio da obra Nietzsche esclarece quanto ao valor da história a partir da vida.

¹ A primeira consideração extemporânea David Strauss, o devoto e o escritor (1973); *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida* (1974); *Schopenhauer como Educador* em (1974); por fim, *Richard Wagner em Bayreuth* (1876).

“Aliás, odeio aquilo que apenas me instrui, sem aumentar ou estimular diretamente minha ação”. Com essas palavras de Goethe, que expressam um *ceterum censeo*, pode ter início nossa consideração sobre o valor e o desvalor da história. Nela se mostra por que o ensinamento sem vivência, por que o saber que entorpece a ação, por que a história como fútil excesso de conhecimento e luxo devem, nas palavras de Goethe, ser odiados – porque ainda nos falta o mais necessário, e porque o supérfluo é inimigo do necessário. É certo que precisamos da história, mas de maneira diferente do que dela precisa o ocioso mimado no jardim do saber, que pode nobremente olhar com desdém para nossas toscas necessidades e nossas rudes carências. Isto é, precisamos da história para a vida e para a ação, ou ainda para a edulcoração da vida egoísta ou do ato covarde e vil. É apenas na medida em que a história serve à vida que queremos a ela servir; mas existe um grau, no exercício e na valorização da história, em que a vida fenece e se degenera: um fenômeno que experimentamos agora, tão necessário quanto doloroso possa ser, como um estranho sintoma de nossa época (NIETZSCHE, 2017, p. 30).

A época a qual Nietzsche se refere é a modernidade, que segundo ele padece de uma exacerbação histórica, de certo sentido histórico hipertrofiado. Em face deste cenário, Nietzsche evoca a pretensão de sua empreitada, qual seja, “o de intervir extemporaneamente, isto é, contra a época e a favor de uma época futura” (NIETZSCHE, 2017, p. 30). A crítica que Nietzsche direciona contra uma determinada concepção de história, que, segundo seu diagnóstico, é nociva à vida, tem como objetivo compreender o papel da história em sua relação com a vida.

Os animais, diz Nietzsche, vivem de modo *aistórico*, eles são absolutamente absorvidos pelo instante, pelo presente; suas insatisfações parecem se dissipar no aqui e agora. O homem, contudo, trava continuamente contendas contra o passado, que amiúde, de modo inesperado o arranca de uma paz momentânea e o arrasta para algures de um tempo que se passou. No entanto, o homem carece e sempre carecerá de se livrar do passado, por sucessivos momentos de esquecimento, caso contrário jamais conseguirá paz, tranquilidade, e até mesmo beatitude. “Um homem que sentisse tudo unicamente de forma histórica seria parecido com alguém que tivesse abdicado do sono, ou com o animal que devesse viver apenas em repetida ruminação” (NIETZSCHE, 2017, p. 36). Em outras palavras, seria impossível viver sem a capacidade de esquecer. Aclarando a argumentação, pode-se dizer que um determinado sentido de história provoca danos perniciosos para os homens, para grupos, culturas. O histórico em demasia inviabiliza a existência. O aistórico é imprescindível para o desenvolvimento humano.

A história, na medida em que está a serviço da vida, está a serviço de uma força aistórica e por isso, por essa submissão, nunca pode nem deve se tornar uma ciência pura, como a matemática. Contudo, a questão de que até que grau a vida precisa da história é uma das maiores questões e preocupações no que diz respeito à saúde de um homem, de um povo, de uma cultura. Pois o excesso de história destrói e degenera a vida, degenerando, por fim, a própria história (NIETZSCHE, 2017, p. 45).

Que a vida precise da história é uma verdade cristalina. Que o excesso de história é pernicioso à vida é uma verdade igualmente clara. Para Nietzsche, a história se expressa de três formas para o vivente. Convém, portanto, escrutinar as três modalidades de história apresentadas por Nietzsche em sua segunda extemporânea, ou seja, a história monumental, a antiquária e a crítica, considerando seus aspectos negativos e positivos. Sobre a monumental, Nietzsche esclarece:

O pensamento fundamental da crença na humanidade expresso pela exigência de uma história *monumental* é o de que os grandes momentos na luta dos indivíduos formam uma corrente que os une, no decorrer dos séculos, na cordilheira da humanidade; que, para mim, o mais elevado de cada momento há muito ocorrido ainda é vivo, claro e grandioso (NIETZSCHE, 2017, p. 48).

Qual aspecto positivo poderia ser extraído do monumental? O homem que olha para o passado grandioso vê que se um dia foi possível realizar algo extraordinário, entende que tal passado pode ser replicado. A história monumental estimula e incentiva os homens a reproduzirem grandes feitos do passado, precisamente pelo exemplo daqueles que os fizeram. Emular atos, atitudes e posturas, por exemplo, de grandes personalidades do passado (Júlio César, Napoleão e etc) é a toada dessa perspectiva histórica. Todavia, o monumental pode ser também prejudicial quando apropriado por iníquos, facínoras, narcisistas, que na ânsia de repetir grandes realizações passadas lancem mão de todo tipo de expediente cruel, egoísta, bárbaro para alcançar seus objetivos. Ou seja, alguém impulsionado pela visão da história monumental pode, movido por interesses escusos, inspirar-se em ações de homens acintosos.

A história monumental ilude por meio de analogias: como semelhanças sedutoras, ela estimula os corajosos à temeridade, os entusiastas ao fanatismo; se pensarmos essa história nas mãos e mentes de egoístas e talentosos e facínoras delirantes, impérios serão destruídos, príncipes serão assassinados, guerras e revoluções serão fomentadas e aumentará novamente o número de “efeitos em si”, ou seja, dos efeitos sem causa suficiente. Isso para lembrar o estrago que a história monumental pode provocar nas mãos

de homens poderosos e ativos, sejam eles bons ou maus (NIETZSCHE, 2017, p. 53).

A história monumental pode se constituir como um ensejo para que cada pessoa conforme suas inclinações pessoais busque reproduzir atitudes de personalidades do passado. Se por um lado, grandes e nobres feitos podem ser replicados, por outro lado, atos insidiosos, malévolos idem.

Em segundo lugar, há a história antiquária. Como o próprio nome sugere, a antiquária preserva o passado, conversa o legado do que foi construído por homens do passado. Aquele que tem predileção pela história antiquária olhará para a história, para a parcela do passado que lhe interessa com reverência. Nesse caso, seu intuito é preservar as tradições, costumes, valores, crenças. Onde reside o maior valor do antiquário? Justamente, “onde ele estende um simples e pungente sentimento de prazer e satisfação sobre aquelas condições modestas, rudes, até miseráveis em que um homem ou um povo vive; [...]” (NIETZSCHE, 2017, p. 48). Em resumo, a história antiquária pode servir para unir o povo, conservando o seu passado, olhando para ele com admirável reverência. Porém, o culto a essa modalidade de história incorre em alguns riscos. O apego ao passado afirma, aplaude o já feito, o já vivido, todavia se fecha à atualização do presente. Nesse sentido, os seguidores da orientação histórica antiquária olham com desdém para o presente, e podem nada produzir de novo, pois olham apenas para a vida pregressa de sua gente. O olhar antiquário não faz distinção de valor entre as pessoas do passado do seu povo, pois ele glorifica todo o passado, de forma que tudo aquilo que pertence a sua comunidade (as tradições, a cultura, os homens) em seu passado é digno de glorificação.

Aqui, um perigo está sempre próximo: de, ao fim, tomar-se tudo o que for antigo e pretérito, tudo que se encontra em seu campo de visão, como igualmente digno de honra; enquanto o que é novo e em transformação, o que não se dirige ao antigo com veneração, é recusado e hostilizado (NIETZSCHE, 2017, p. 60).

Outro perigo também precisa ser considerado: o amor cego ao passado pode levar ao culto indiscriminado de todos os fatos passados de um povo, e mesmo das pessoas, de modo acrítico, irrefletido². A história, assim, apenas a serviço da vida passada sepulta o

² “Aqui, um perigo está sempre próximo: de, ao fim, tornar-se tudo o que for antigo e pretérito, tudo que se encontra em seu campo de visão, como igualmente digno de honra; enquanto o que é novo e em transformação, o que não se dirige ao antigo com veneração, é venerado e hostilizado” ((NIETZSCHE, 2017, p. 48).

florescimento da vida presente, pois o sentido da vida foi depositada, ou melhor, sepultada no que é tão somente memória.

Por fim, há a história crítica, que ocorre quando o homem olha para o passado, investigando-o, colocando-o em perspectiva escrutinadora, avaliando, assim, seus erros, falhas, ilusões. O homem, claro, precisa deste olhar sobre a herança histórica que recebeu, pois não é razoável, tampouco legítimo assentir tudo que vem do passado. É necessário, portanto, pensar criticamente. Entretanto, o perigo do crítico consiste em acreditar que a crítica que se dirige ao passado torna quem critica imune as suas influências. Para Nietzsche, tal propósito é impossível, já que por mais que se tente não há possibilidade de se esquivar completamente da nossa herança atávica.

São essas as modalidades históricas apresentadas por Nietzsche, as quais os povos, partindo de diferentes interesses e perspectivas podem e precisam conhecer. Uma vez esclarecida as três referidas formas históricas, o intento agora consistirá em deslindar a crítica nietzschiana direcionada à modernidade.

3. A crítica à visão histórica moderna e o seu antídoto

Uma vez esclarecido as modalidades históricas, voltemos para a questão central do texto: a crítica de Nietzsche contra a modernidade e ao homem moderno. A tendência é que os homens modernos considerando suas conquistas, inclusive do ponto de vista dos direitos (igualdade, liberdade e etc.), olhem para as épocas que os precederam e as considerem atrasadas (aliás, como costuma fazer todo povo de uma época). Esta é a lógica do progresso histórico, a qual Nietzsche ataca frontalmente. Poderíamos nos imaginar, questiona nosso filósofo, no Renascimento? “O certo é que não podemos nos colocar, ou sequer nos pensar, nas condições do Renascimento: nossos nervos não aqueceriam aquela realidade, muito menos nossos músculos” (NIETZSCHE, 2010, p. 87). O fato dos modernos não se adaptarem ao contexto do Renascimento não significa para eles um progresso, não resulta em um ponto de ascensão na escala da evolução humana.

Uma das características da filosofia de Nietzsche é a crítica da modernidade, considerando-a como época cujos valores são fundamentalmente decadentes. Os períodos históricos são avaliados por Nietzsche sob a perspectiva de seus valores, podendo indicar uma vida em ascensão ou em decadência.

Toda época tem, na sua medida de força, também uma medida de quais virtudes lhe são permitidas, quais proibidas. Ou tem as virtudes da vida *ascendente*: então resiste profundamente às virtudes da vida declinante – então necessita também das virtudes do declínio, então odeia tudo o que se justifica apenas a partir da abundância, da sobre-riqueza de forças (NIETZSCHE, 2009, Epílogo).

A pretensão do homem moderno decorre de seu conhecimento hipertrofiado sobre as épocas, ou seja, o moderno dispõe de demasiado conhecimento e informação sobre os mais diversos assuntos, além de tecnologias arrojadas. Em outras palavras, o homem moderno é pródigo em ciência, como nenhum outro homem de outra época foi capaz de ser “pois nós, modernos, nada somos; somente quando nos preenchemos e nos abarrotamos das épocas, costumes, artes, filosofias, religiões e conhecimentos de outrem é que nos preenchemos e nos tornamos algo digno de atenção” (NIETZSCHE, 2017, p. 68). O excesso de história que uma época pode adquirir parece, aos olhos de Nietzsche, perigoso porque

Por conta desse excesso, uma época imagina possuir a mais rara virtude, a justiça em maior grau do que outras épocas; por meio desse excesso, o instinto de um povo é destruído, impedindo o amadurecimento tanto do indivíduo quanto da totalidade; através desse excesso, planta-se, a qualquer momento, a crença nociva na velhice da humanidade, a crença de ser tardio e epígono; graças a esse excesso, uma época adquire uma perigosa disposição à ironia sobre si mesma e, com ela, uma disposição ainda mais perigosa ao cinismo; mas, neste caso, nela amadurece uma práxis egoísta e astuta, que debilita as forças vitais e por fim as destrói (NIETZSCHE, 2017, p. 75).

O homem moderno possui uma personalidade depauperada. Cabe esquadrihar as razões do diagnóstico nietzschiano acerca da era moderna como período histórico pródigo em valores decadentes. Por que a modernidade é avessa à ascensão, a afirmação da vitalidade? Por que o mundo moderno subscreve a fraqueza da vontade?

As épocas consideradas isoladamente não possuem um valor em si mesmas. É legítimo aquilatá-las hierarquicamente quando se as observa sob o prisma de seus valores. É claro que uma época não cultiva tipos humanos que resultam sempre em um estereótipo de homem com alcance universal, mas sua atmosfera, sua ambiência, seus princípios, suas instituições favorecem o surgimento de tipos fracos ou fortes. Exercendo a função de *filósofo médico*, Nietzsche prossegue analisando a modernidade, apontando os sinais de seu fracasso fisiológico. As instituições modernas (liberais), por exemplo, ensejam a promoção da vontade debilitada.

As instituições liberais deixam de ser liberais logo que alcançadas: não há, depois, nada tão radicalmente prejudicial à liberdade quanto as instituições liberais. Sabe-se muito bem *o que* trazem consigo: elas minam a vontade de poder, elas são o nivelamento de montes alçado à condição moral, elas tornam os homens pequenos, covardes e ávidos de prazer – com elas triunfa, a cada vez o animal de rebanho (NIETZSCHE, 2010, § 38, p. 76).

A luta, a alteração pelas instituições liberais teriam produzido liberdade, força, vitalidade. Mas as mesmas instituições uma vez consubstanciadas teriam culminado na castração das potencialidades individuais. Resultado: a amputação das individualidades sela a vitória do *animal de rebanho*. Os homens animalizados como um agrupamento amorfo e homogêneo de indivíduos é o que almeja instituições liberais; nelas a liberdade se esvai, morre. “Liberdade significa que os instintos viris, que se deleitam na guerra e na vitória, predominam sobre outros instintos, os da “felicidade”, por exemplo” (NIETZSCHE, 2010, § 38, p. 76). Para Nietzsche, a modernidade e suas instituições visam o bem-estar, a ausência de desconforto, procuram evitar resistências, driblam o perigo. A modernidade seria castradora, uma vez que com seus valores de igualdade dirimi os espaços dos conflitos e resistências. Mas como se mensura o grau de liberdade de um povo, cultura, época?

Conforme a resistência que tem que ser vencida, conforme o esforço que custa ficar *em cima*, o mais elevado tipo de homens livres deve ser buscado ali onde é continuamente superada a mais alta resistência: [...]. Os povos que tiveram algum valor, que se *tornaram* de valor, nunca se assim sob instituições liberais: *o grande perigo* fez deles algo que merece respeito, o perigo que nos faz conhecer nossos recursos, nossas virtudes, nossas armas e defesas, nosso *espírito* – que nos *compele* a ser fortes... Primeiro princípio: há que ter necessidade de ser forte; senão chegamos a sê-lo (NIETZSCHE, 2010, § 38, p. 77).

Conforme Nietzsche, as sociedades aristocráticas de Roma e Veneza representariam em seus valores uma visão de liberdade com a qual ele comungava. “Como algo que se tem e *não* se tem, que se *quer* e, que se *conquista*...” (NIETZSCHE, 2010, § 38, p. 77). Estaria o autor de *O Anticristo* propugnando um regresso a eras passadas? Não. Nietzsche tinha consciência de que era um homem de seu tempo e que não é possível replicar a história de épocas passadas no período histórico em que se vive. Coube a ele incumbir-se de uma tarefa: “Superar em si seu tempo, tornar-se ‘atemporal’. Logo, contra o que se deve travar seu mais duro combate? Contra aquilo que o faz um filho de seu tempo” (NIETZSCHE, 2009, Prólogo). Compreender seu tempo, escavar os subterrâneos de seus valores, trazer a luz seu estado de miséria se tornou a incumbência de Nietzsche. Entretanto, a empreitada não se

restringe à compreensão teórica dos efeitos lesivos da modernidade, a finalidade reside também na superação desse tempo, ou daquilo que nele se cultiva. Nesse sentido, assim se posiciona nosso filósofo, “eu sou um filho desse tempo; quer dizer, um *decadente*: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se defendeu” (NIETZSCHE, 2009, Prólogo). Desta feita, Nietzsche expõe sua consciência crítica de seu tempo e ao mesmo tempo a necessidade de ultrapassá-lo.

Não “conservamos” nada, tampouco queremos voltar a algum passado, não somos em absoluto “liberais”, não trabalhamos para o “progresso”, não precisamos sequer tapar os ouvidos às sereias que cantam o futuro na praça do mercado – o que elas cantam, “direitos iguais”, “sociedade livre”, “nada de senhores e de servos”, isso não nos trai! – nós simplesmente consideramos desejável que o reino da justiça e da concórdia seja estabelecido na terra (porque seria, em todas as circunstâncias, o reino da mais profunda mediocrização e chineseria), alegramo-nos com todos os que, como nós, ama o perigo, a guerra, a aventura, que não se deixam acomodar, capturar, conciliar e castrar, incluímos a nós mesmos entre os conquistadores, [...] (NIETZSCHE, 2009, Prólogo).

A modernidade é um fracasso fisiológico, porquanto ela representa uma vida acolchoada, desprovida de risco, que proscree a guerra, contém a aventura, mas louva o *animal de rebanho* como tipo ideal. Sendo uma época que semeia a degeneração da vontade, a modernidade estaria vinculada à decadência, a promoção de um tipo frágil, manso, sem disposição para resistência.

O homem moderno desenvolveu uma relação muito intelectualizada com a história, isto é, ele olha para história como se observasse um quadro, analisando suas nuances, suas características estéticas, sendo capaz de descrever com riqueza de detalhes o contexto no qual a obra foi pintada, bem como as influências sofridas pelo pintor. Mas todo esse processo analítico seria observacional, sem conexão com a vida.

Em função disso, o homem moderno está agrilhado em um dilema, que para Nietzsche é inédito na história, a saber, a contradição que há entre interior e exterior. O moderno carrega em si um grandioso conhecimento. Contudo, todo conhecimento acumulado dentro de si, que muitas vezes sequer sabe para que serve, não tem aplicabilidade externa e, por isso, “permanece oculto em um certo mundo interior caótico, que aquele homem moderno com raro orgulho, denomina como sua própria ‘interioridade’” (NIETZSCHE, 2017, p. 67). A cultura moderna, desta feita, padece de inautenticidade, está longe de ser uma cultura singular, autêntica.

O homem da modernidade é prenhe de saberes, domina o conhecimento histórico do passado, olhando o pretérito com empáfia como se sua época (a modernidade) fosse o apogeu do curso da história. A modernidade, assim, estaria em uma posição de saturação em relação à história.

Saturação de uma época com a história me parece ser adversa e perigosa, em relação à vida, em cinco aspectos: com tal excesso cria-se aquele contraste já mencionado entre interior e exterior, enfraquecendo assim a personalidade; por conta desse excesso, uma época imagina possuir a mais rara virtude, a justiça, em maior grau do que outras épocas; por meio desse excesso, planta-se, a qualquer momento, a crença nociva na velhice da humanidade, a crença de ser tardio e epígono; graças a esse excesso, uma época adquire uma perigosa disposição à ironia sobre si mesma e, com ela, uma disposição ainda mais perigosa ao cinismo; mas, neste caso, nela amadurece uma práxis egoísta e astuta, que debilita as forças vitais e por fim as destrói (NIETZSCHE, 2017, p. 75).

O homem forjado na modernidade apresenta uma inclinação à saturação histórica, posto que a era moderna com seus grandes feitos científicos, suas descobertas (evidentemente granjeadas ao longo das conquistas de eras passadas) acredita está no topo do progresso humano. Grande espectador dos acontecimentos mundiais, o moderno assiste o transcorrer da história sob seus olhos. Friamente, ele observa o fluxo dos acontecimentos. Quando um grande fato se encerra ele já está pronto para dissecá-lo minuciosamente com seu bisturi e lupa acadêmicas. Por exemplo, “mal a guerra acabou, já se transformou, aos milhares, em papel impresso, sendo logo servida como o mais novo aperitivo para o paladar enfastiado do ávido pela história” (NIETZSCHE, 2017, p. 76). A pródiga sede em ciência é capaz de compreender o mundo como nunca antes, do ponto de vista do conhecimento objetivo da realidade, e isto é um mérito da época moderna. No entanto, a filosofia nietzschiana visa desde seu nascedouro (com o *Nascimento da tragédia*) avaliar criticamente um tempo histórica e submetê-lo à perspectiva da vida. O homem pode transbordar informações, dados técnicos e científicos que acumulou com demasiado estudo. Mas o que há de força, potência na relação com o conhecimento? O acúmulo do conhecimento tem por finalidade apenas a erudição? Se a resposta for positiva, como Nietzsche faz o diagnóstico do moderno, o conhecimento por ele produzido produz a acídia, a intensificação da fraqueza.

E quanto à filosofia? O que os gregos antigos diriam da filosofia moderna desenvolvida nos meios acadêmicos? Seria para eles objeto de orgulho ou zombaria? Um grego uma vez filiado a uma escola filosófica da antiguidade – estoicismo, cinismo,

epicurismo, platonismo – viveria sua vida conforme a corrente filosófica da qual faz parte. E quanto aos modernos? Também procederiam assim? Para Nietzsche não.

Todo o filosofar moderno é político e policial, limitado à aparência erudita por governos, igrejas acadêmicas, costumes e covardias humanas: ele permanece num suspiro “Mas se” ou num conhecimento “Era uma vez”. A filosofia não tem direitos no interior de uma cultura histórica, caso ela quera ser mais que um saber interior e tímido, que não produz efeitos; fosse o homem moderno corajoso e decidido, não fosse ele, em suas inimizades, apenas uma existência interior: ele a baniria; mas ele se satisfaz em cobrir, envergonhado, sua nudez (NIETZSCHE, 2017, p. 79).

O conhecimento pretensamente científico da história desenvolvido pelos modernos castrou a “força plástica da vida”, aquela força que sabe se servir do passado em benefício da própria vida.

Deve a vida imperar sobre o conhecimento, sobre a ciência, deve o conhecimento imperar sobre a vida? Qual das forças é a superior e decisiva? Ninguém duvidará: a vida é superior, a força imperante, pois um conhecimento que destruísse a vida seria destruído por si mesmo (NIETZSCHE, 2017, p. 75).

Não há conhecimento sem vida, tendo ela, portanto, um valor superior em relação ao conhecimento. Nietzsche apresenta dois antídotos contra a predominância do histórico, o aistórico e o supra-histórico. “Com a palavra “aistórico” designo a arte e a força de poder esquecer e se fechar em um horizonte delimitado; chamo de “supra-histórico” o poder de desviar a visão do devir em direção daquilo que dá à existência o caráter da eternidade e identidade, a *arte e a religião*” (NIETZSCHE, 2017, p. 142). A ciência moderna veria com desconfiança o aistórico e o supra-histórico, pois considera legítimo apenas o que é objetivo, ela (a ciência) tem sede de verdade, quer de modo contumaz capturar objetivamente a essência do real. Mas o esquecimento do aistórico e a força plástica fornecida pela arte e religião seria capaz de colocar não mais a verdade em primeiro plano, mas a vida mesma em sua vitalidade criadora.

Deve a vida imperar sobre o conhecimento, sobre a ciência, deve o conhecimento imperar sobre a vida? Qual das forças é superior e decisiva? Ninguém duvidará: a vida é superior, a força imperante, pois um conhecimento que destruísse a vida seria destruído por si mesmo (NIETZSCHE, 2017, p. 142).

O conhecimento tem a vida como pressuposto, ela o antecede, tendo sobre ele primazia. A ciência sem a vida é inexequível, pois toda produção científica só engendrada graças a vida, se ela for subtraída não há conhecimento possível. Nesse sentido, a ciência precisa ser acompanhada de perto, sob a lupa do aistórico e do supra-histórico.

A ciência necessita, assim, de uma observação superior e vigilância: *uma higiene da vida* acerca-se da ciência; e a proposição dessa higiene seria: o aistórico e o supra-histórico são os antídotos naturais contra a vigilância da vida pelo histórico, contra a doença histórica. É provável que nós, os doentes históricos, também tenhamos de sofrer com esse antídoto. Mas esse sofrimento não é uma prova contra a adequação do tratamento (NIETZSCHE, 2017, p. 143).

O aistórico é necessário, pois representa o esquecimento. É preciso esquecer. Não seria possível viver acumulando na memória todas as experiências vividas. Seria insuportável. Já o supra-histórico é crucial, porque expressa a manifestação da vida em seu aspecto plástico e inventivo, como a arte e a religião. Ambas não se realizam apenas no âmbito da objetividade histórica, mas também, e, principalmente, do ponto de vista da experiência criativa cultural, que se afirma se projetando para a posteridade. A arte, por exemplo, é uma ilusão, que assim se afirma, sabe que é produto da capacidade humana da criação, que inventa novas realidades. Para Nietzsche, há um modelo que inspira relacionar história e vida, a saber, os gregos.

Houve séculos em que os gregos se encontravam no mesmo perigo em que nos encontramos, ou seja, de sucumbir na inundação do estrangeiro e do passado, na “história”. Eles nunca viveram numa intangibilidade orgulhosa: sua “cultura”, ao contrário, foi sempre, por muito tempo, um caos de formas e conceitos estrangeiros, semíticos, babilônicos, lídios, egípcios, e sua religião, uma verdadeira batalha de deuses de todo o Oriente: semelhante a como hoje a “cultura alemã” e a religião são em si um caos de toda uma terra estrangeira de toda uma época anterior. E, apesar disso, a cultura helênica não era um aglomerado, graças àquela sentença apolínea. [...] Os gregos aprenderam aos poucos a *organizar o caos* ao se voltarem, segundo o ensinamento délfico, a refletir sobre si, isto é, sobre suas necessidades autênticas, e deixar perecer as necessidades ilusórias. Assim eles tornaram a se apoderar de si; não permaneciam mais herdeiros e epígonos saturados de todo oriente; eles se tornaram, pela luta laboriosa consigo mesmos, através da prática da interpretação daquela sentença, os continuadores e multiplicadores do tesouro herdado e modelos e primogênitos de toda cultura futura do povo (NIETZSCHE, 2017, p. 146).

Nietzsche vislumbra nos gregos a possibilidade de criar uma cultura autêntica, reabilitando a capacidade dos gregos de não sucumbir ao atavismo, às influências sofridas de culturas diversas, nem de se considerarem o povo cujo desenvolvimento teria chegado ao seu

apogeu. Eles foram capazes de engendrar cultura, pela arte, religião com vivacidade e paixão, “uma cultura como consonância entre vida, pensamento, aparência e querer” (NIETZSCHE, 2017, p. 146). Não havia aquela contradição, já elucidada, entre interior e exterior como nos modernos, não havia a impotência de uma erudição empoeirada restrita aos escritórios e salas acadêmicas, mas uma experiência cultural que se vale da história em favor de novas formas de vida e cultura para o porvir.

4. Conclusão

Para Nietzsche, o homem moderno se considera um ser epígono, aquele cujo desenvolvimento da espécie alcançou seu desenvolvimento derradeiro. Ele olha retrospectivamente para história, munido de demasiado conhecimento, com sua formação desenvolvida em universidades e laboratórios. Nenhuma outra época conseguiu alcançar tamanho desenvolvimento teórico como os modernos. Entretanto, seu saber, segundo Nietzsche, muitas vezes se reduz a um eruditismo insosso. O conhecimento para o moderno é um objeto com o qual ele se relaciona apenas para fins de estudo, ele disseca um objeto de estudo, mas não o vivencia.

Compreender a realidade não é suficiente. O homem moderno estuda algo com profundidade, e, logo em seguida se afasta, tomando distância palmar do seu objeto de estudo. Ele pode se tornar um doutor em ética, conhecer e dominar os principais referenciais teóricos dos mais notáveis pensadores da área, e, contudo, não viver nada do que estuda. Os gregos antigos viviam visceralmente o que estudavam e pregavam. Não havia distinção entre conhecimento e a própria vida do pensador. A vida na verdade é a referência precípua, por isso o conhecimento deve estar a ela subordinado.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. **O caso Wagner**: um problema para músicos. *Nietzsche contra Wagner*: um dossiê de um psicólogo. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar a golpes de martelo**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida**. São Paulo: Hedra, 2017.